

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lda

Director: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 45—Lisboa

O RECEM-NASCIDO



— Coitadinho! Precisa d'um tratamento muito cuidado, parra se não resentir das taras paternas!



PALESTRA AMENA

Equivocos

Certo escritor com um pouco mais de talento do que nós, não ha muito falecido, afamado pelos seus estudos criticos, notou n'um dos seus artigos mais felizes, que um dos males que affligiam a sociedade portugueza... era o equivoco. Affligiam e continuam a affligir, conforme se pode observar todos os dias, já pelo exame dirêto, já pelo noticiario dos jornais; leia-se, por exemplo, este telegrama do Porto, inserto no *Seculo*, em data de 7:

«O preso politico Manoel Martins de Castro, da travessa de Nevogilde, que ha dias fôra mandado pôr em liberdade pelo comando da 5.ª divisãõ, foi novamente preso, por ter havido equivoco n'aquela ordem».

E' claro, que se pediram as devidas desculpas á victima, pelo engano, mas ninguem o compensou da desillusãõ, que não deve ter sido pequena.

O escritor a que acima nos referimos terminava o citado artigo contando o facto de ter sido esfaqueado um pobre transeunte a uma esquina do Chiado, quando as tacadas eram destinadas a outrem, o que, no julgamento foi julgado atenuante muito de atender; e, a proposito de julgamentos de criminosos na Boa Hora, citou tambem a defesa d'outro faquista que, como desculpa de ter mandado um parceiro para o outro mundo, alegou que tinha metido na barriga d'este um palmo de ferro, por simples descuido, porque a sua intenção era introduzir-lhe apenas dois dedos do mesmo ferro, o que não lhe produziria a morte.

Não precisamos de citar equivocos recentes, de ordem revolucionaria, porque igualmente outro colega nosso e tambem não inferior á nossa pessoa em intelligencia, o fez com imensa graça; sómente, tais exemplos, postos a descoberto, não tem servido de emenda, ao que se vê, e o equivoco continua a ser cultivado com amor entre nós, sem que ninguem se admire e o condene.

Para consolação geral, acentuaremos, contudo, que não é só em Portugal que éle floresce; temos ainda de memoria um equivoco de vulto acontecido em Espanha e que nos foi narrado pela propria victima, o pobre actor Silva Pereira: costumava este jogar com um decimo da loteria espanhola em numero certo e um belo dia leu nas folhas que o dito numero fôra premiado com *el gordo*. Imagine-se a alegria do pobre artista, as despesas que fez, por conta da dinheirama a receber, etc., — e imagine-se a decepção quando, nas folhas do dia seguinte, leu que houvera... equivoco; o numero premiado não era aquele!

Ha quem tenha endoidecido com menor motivo.

J. Neutral.

Cinco mil marcos!

Abriu o teatro da opera de Berlim e como os alemães estivessem saudosos de musica, a não ser da de pancadaria, a sala teve uma enchente colossal, acusando a bilheteira uma receita até então nunca vista. Quanto aos autores da peça — saibam-no Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes — receberam de direitos, *cinco mil marcos* cada um, quantia que ao

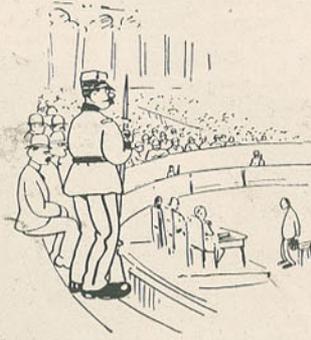


cambio actual deve dar para comprar dois ou tres pares de botas, ou sejam uns dois contos de réis!

E' impossivel descrever a sensaçãõ que a noticia produziu nos nossos autores, de letra e de musica; os tres citados estão a estudar alemão a toda a pressa, e dos *maestros* sabemos que o nosso Calderon já poz a funcionar uns cem gramofones para compôr uma opera original, que destina a Berlim, com o *motivo da Rosa exvota o pinto*.

Falta de espaço

A' ultima hora estão os trauliteiros do Eden, do Porto, em risco de só serem julgados para as calendas gregas, porque não ha n'aquella cidade sala com o espaço suficiente para conter



os reus e as testemunhas, tão grande é o numero d'uns e d'outros.

Parece-nos, na verdade, motivo bastante para anular os respectivos processos e mandar aquella pobre gente em paz, mas se de todo em todo a ferocidade-republicana exige o castigo de tão benemeritos cidadãos, transfi-

ram os homens para Lisboa, e aqui, com boa vontade, arranja-se local apropriado ao caso e digno dos cavalheiros. Que nos dizem, por exemplo, ao Campo Pequeno?

Barbeiros, etc.

E' de todo o ponto justo que os srs. officiais de barbeiro, cujo extenuante trabalho era muitissimo mal apreciado, porque não ha nada que pague o asseio, é justo, dizemos, que passem de 80 a 90 escudos por mês, os dos estabelecimentos de 1.ª classe, e de 60 a 70 os dos de 2.ª, conforme acaba de ser estabelecido. Só não estamos de acôrdo em que se lhes não dêem gorgetas, mas adeante.

Um unico argumento encontraram as más linguas para não aplaudir esta medida e esse é que, ao passo que para uma pessoa se formar em direito, em matematica, em medicina, etc. e assim ganhar, na maioria dos casos, menos do que um sr. official de barbeiro, tem de dispender alguns contos, para barbear e cortar o cabelo a um parceiro



necessita apenas de uma aprendizagem curta e nem se torna preciso que saiba ler e escrever.

Pois sim, mas para que tais censuras cessem, aí vai um projecto que tudo conciliará e vem a ser o abrir-se nas nossas universidades um curso barbeiral, que pode abranger 5 anos, por exemplo, com o seguinte programa de ensino:

- 1.ª cadeira — Sabões e sabonetes. Suas applicações cutaneas:
- 2.ª cadeira — Pinceis. Escolha de pêlos mais proprios para pincelar.
- 3.ª cadeira — Diversas especies de navalhas de barbear.
- 4.ª cadeira — Bigodes, moscas, suissas e pêras.
- 5.ª cadeira — Escanhoamentos e gatásios.
- 6.ª cadeira — Côrtes de cabelo.
- 7.ª cadeira — Penteados diversos. Como se penteiam carecas.
- 8.ª cadeira — Pomadas e perfumes.
- 9.ª cadeira — Do pulverizador e outros injectores mecânicos.
- 10.ª cadeira — Frisados.

O diplomado, com o curso completo, receberá a carta de doutor em barba e pêlos correlativos, pelo que não ficará a dever nada aos diplomados por outras faculdades.



Troca

Dizem de Bruxelas que o governo belga, para obviar á crise das subsistências, resolveu fazer a troca de carvão por generos alimenticios.

Ora ai está uma coisa que não se pode fazer cá, pelo menos quanto ao pão. Este é-nos fornecido com carvão e tudo.

Correspondencia

Aline T. V. — Se não fosse senhora davamos-lhe uma resposta que nós sabemos. Assim, mandamos-lhe um beijinho.

T. S. (Famalicão). — E' a moda em Famalicão, mas não é em Lisboa, o que só depõe a favor da provincia. Se v. ex.^a aqui apparecesse com semelhantes atavios, era corrida.

Rei visigodo

Querem os senhores saber quem foi descoberto em Stockolmo, n'uma sepultura do mosteiro de Vreta, na provincia de Ostergotianel, que fica ali em baixo, á mão direita?

Foram os restos do rei Jorge, o qual, segundo resa a historia e os nossos jornais noticiaram, morreu envenenado em principios do seculo XII.

E como se estabeleceu a identidade do rei Jorge, visigodo? Os mesmos jornais o dizem: «O esqueleto está em perfeito estado de conservação, especialmente o craneo e o cabelo», quer dizer, foi pelo cabelo, embora a espiritos superficiais o caso pareça extranho.

Foi assim: o rei Jorge visigodo foi monarca muito dado a aventuras amo-



rosas, o que, por sinal, acarretou grandes desgostos á rainha visigoda, sua consorte.

Ora em tempos toi encontrado no palacio real de Stockolmo um cofresinho com varias cartas apaixonadas escritas pelo dito rei Jorge a uma dama da cõrte e entre elas uma madeixa de cabelo, embrulhado n'um papel, com as seguintes palavras: «Oferece-te esta pequenina lembrança. Teu, Jorge.»

Os sabios d'agora compararam o cabelo do craneo encontrado na sepultura do mosteiro de Vreta, na provincia de Ostergotianel, com o da dita madeixa e reconheceram que os cabelos eram eguainhos em tudo, cõr, dimensões, etc. De ai, a concluirem que os restos eram do mencionado visigodo ia apenas um passo, que transpuzeram sem a menor dificuldade.

Está entendido, não está?

EM FOCO

Tereza Taveira



*E' deveras extensa a galeria
D'atrizes a quem versos tenho feito,
Em meu fraco entender, de pouco geito,
Mas, emfim, d'uma certa fantasia.*

*Faltava-me vossencia, a quem devia
Por diversos motivos este preito;
Receba-o por sincero e não perfeito,
De quem não pode dar maior valia.*

*N'uma coisa, porém, se salienta
Este soneto, especie de cantiga
Que segunda leitura não sustenta;*

*Faço-o no meio d'uma grande espiga:
Com febre, muito perto de quarenta,
Com grippe e pèras, minha bõa amiga!*

BELMIRO.

Inspiração

Os reclamamos em verso do *Pé de meia*, no S. Lu z, — por sinal muito bem feitos — excitaram o apetite das emprezas dos outros teatros, e, assim, vão aparecendo d'estas coisas:

*Guarda-roupa é do Castelo
Que no genero é professor
Não ha decerto mais belo
Em fantasia, um amor.*

Isto é que se chama inspiração e... pèras.

— Tem alguns pecados no 6.^o madamento?

— Não tenho, sr. prior.

— Não tem? N'esse caso não a absolvo!

— O' sr. prior! eu julgava...

— Pois julgava muito mal.

«Crescei e multiplicaes-vos» dizem as Escrituras; ora a menina não deve apenas crescer.

— Então?

— Então... realice a obra de que depende o futuro da França e rese tres corõas de contas, por penitencia.

Ponham ali os olhos os nossos estadistas.

A natalidade em França

Quando ha trovoada, todos se lembram de Santa Barbara, diz um velho rifão, que todos os dias se confirma, como agora em França: o Estado, como cá, divorciou-se da Igreja, e agora lá está apelando para ela, como se vê do seguinte telegrama:

«Paris, 6.—O congresso da natalidade decidiu lançar um apelo a todas as forças do paiz, especialmente ás de ordem moral e religiosa, assim como a todas as classes, a fim de se realizar a obra de que depende o futuro da França».

Essa obra a realizar é a fabricação de cidadãos, e para tal a França livre-pensadora não hesita em apelar para as forças religiosas da nação, isto é, para os padres.

E' claro que não se trata de aproveitar os padres como materia prima, mas como influencia, que o Estado lhes reconhece apesar de tudo.

—Influencia, como?

Como? na confissão, por exemplo.

Suponhamos que uma devota ajoelha aos pés do confessor.

Bolchevismo

Já não se fala das crueldades da seita russa, do desenvolvimento das suas idéas ou da necessidade que os povos têm de se defenderem de tal: o que actualmente absorve entre nós, todas as atenções, é saber-se se *bolchevismo* se escreve com *x* ou com *ch*.

E', na verdade, uma questão momentosa, mas parece-mos facilima de resolver: trata-se d'um problema, não é verdade? Logo, é *x*. Diz-se o *x* do problema e não consta que nunca se tenha dito o *ch*...

Providencias da Baviera

Leiam este telegrama de Paris:

«Uma noticia de origem alemã diz que a Dieta bavara aprovou um credito de 50 milhões de marcos para o governo adquirir generos alimenticios.»

Que tal, hein? Quando aquilo é a dieta, imagine-se se comessem de tudo!

Na espectativa de nova gréve ferro-viaria



ENTRE AMIGOS:

— Olá! tu por aqui? Para onde é que vais?

— Talvez para o outro mundo...